

DEUS E PATRIA

BOLETIM APPROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.^a REV.^{ma} O SENHOR ARCEBISPO PRÍMIZ

Director, Editor e Administrador — *Avelino Alves Sampaio*

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—Belinho — ESPOZENDE

PROPRIEDADE DA EMPREZA — DEUS E PATRIA

Composto e impresso na Typographia Viziense—Rua Silva Gayo, 42 a 46—VIZEU

O EVANGELHO

3.º Domingo do Advento

N'aquelle tempo enviaram os judeus de Jerusalem sacerdotes e levitas a João para lhe perguntarem: quem és tu? e elle confessou: e não negou; e confessou: não sou eu o Christo.

E elles lhe perguntaram: és tu Elias?

E respondeu: não sou.

—E's tu propheta?

E elle respondeu: não.

Disseram-lhe: Quem és pois, para que levemos resposta áquelles que nos mandaram? que é o que dizes de ti mesmo?

—Eu sou, disse, a voz do que clama no deserto: fazei direitos os caminhos do Senhor, como disse o propheta Isaias.

E os enviados eram da seita dos phariseus.

E perguntaram-lhe e lhe disseram: Como pois baptisas, se tu não és o Christo, nem Elias, nem propheta?

Respondeu-lhes João dizendo:

Eu baptiso com agua; mas entre vós está um a quem não conheceis: esse é o que ha-de vir depois de mim e que existe antes de mim, a quem não sou digno de desatar as correias de suas sandalias.

Estas coisas passaram-se em Bethania, do outro lado do Jordão, onde estava João baptisando.

(Do cap. I de S. João).

REFLEXÕES

Que humildade, que candura, que desinteresse da parte de João Baptista!

Sacerdotes e levitas, enviados de Jerusalem, offereciam a João o titulo de Christo, de Messias.

A prova era delicada. Quantos, nos últimos tempos, com menos merecimen-

tos e virtudes, tinham tomado ou accettato indevidamente aquelle titulo?

João Baptista franca e humildemente recusa esse titulo; confessa que não é Christo, o esperado Salvador de Israel; e sendo-lhe offerecido em seguida o titulo de Elias e o de propheta, recusa-os egualmente e accrescenta:

—Eu sou a voz do que clama no deserto: endireitae os caminhos do Senhor, como disse o propheta Isaias.

Isto é, eu sou aquella voz que o propheta Isaias ouviu em espirito; eu sou a voz que vem preparar os caminhos ao Messias, dispondo, pela penitencia que prego e pelo baptismo que ministro, os corações e os espiritos para receberem o que vem salva-los.

Os phariseus, mais zelosos em manter a sua auctoridade do que em procurar a sua salvação, extranbaram esta resposta e replicaram altivamente: Se tu não és o Christo, nem Elias, nem propheta, porque baptisas?

Para vencer-lhes o orgulho com a humildade, não lhes fala nem da sua missão, que havia recebido directamente de Deus, nem do cargo eminente com que o ceu o havia honrado: contentou-se de responder-lhes que a agua do seu baptismo não actuava sobre as chagas da alma, mas apenas dispunha os peccadores pela penitencia e pelas obras de justiça para ouvirem o Messias e receberem o perdão de seus peccados pelo baptismo do Salvador.

—No meio de vós está quem vós não conheceis; esse é o que ha-de vir depois de mim e que existe antes de mim, a quem não sou digno de desatar as correias de suas sandalias, isto é, a respeito do qual eu não sou mais que um servo, indigno de lhe prestar os serviços mais humildes.

Assim falou S. João, aquelle mesmo que Jesus Christo elogiou sobremaneira, chamando-o até o maior dos filhos do homem!

Sublime lição aos orgulhosos do mundo!

A censura que S. João faz aos phariseus e doutores do seu tempo—entre vós está quem vós não conheceis, bem podemos nós repeti-la ainda hoje.

Jesus está entre nós, está no Santissimo Sacramento do altar; e quantos não o conhecem ou procedem como se não o conhecessem: não o visitam nos seus templos, não o recebem e até muitas vezes se portam irreverente-

mente deante d'elle! E' o cumulo da ingratição: Jesus desce á terra e permanece sob as especies eucharisticas dia e noite, sujeita-se a humilhações infinitas para ser o nosso alimento espiritual, o nosso companheiro na vida e viatico na morte; e afinal muitos, até mesmo christãos, desprezam-no!

Não queiraes vós; leitores, ser d'esse numero.

Jesus, o amigo das creanças

Quando o Homem-Deus, despindo os esplendores da sua gloria, occultando a cerôa da sua divina grandeza, fugindo aos louvores e homenagens da sua corte angelica, veio habitar entre os homens, pobre, esquecido, desprezado, embora estes não o quizessem reconhecer por o Filho de Deus, não puderam reprimir a sua admiração ao som argentino da sua voz, proclamando a mais sã doutrina.

Ninguem podia negar que resplandecia no Evangelizador da Judeia o que quer que fosse que tinha mais de celeste que de humano.

A sua sabedoria era o oraculo maravilhosos que respondia a todos os mysterios, que decifrava todos os problemas, que os esclarecia de tal arte, que o mais rude engenho os abraçava.

Singelo, claro, dulcissimo, o ensino estylava-lhe dos labios como uma favo de mel; a doutrina brotava-lhe nitente, como o crystal de uma fonte. O meigo alento da sua palavra movia e expandia a todos. As creancinhas, como essa briza fagueira que, agitando as velas do navio, o faz deslizar suavemente pela azulada superficie dos mares, voavam para Elle como primeiras no seu amor e primogenitas do Ceu. E Elle aconchegava-as ao seio, e fulminava anathemas terriveis contra os que escandalisassem a sua innocencia. E Elle que se enfeixava com as faxas e gemêra os gemidos da infancia, Elle que santificara a causa e tutelara a sorte dos innocentinhos em toda a sua carinhosa peregrinação, fez da sua palavra o luzeiro do ensinamento humano.

Foi o inspirador, o typo perfeitissimo da escola, mórmente da escola da infancia.

E que diremos nós do seu amor, d'esse amor immenso, incomparavel, em que se nos dá sob as especies de pão

tão perfeita e realmente como está nos Ceus?

O maior, o mais bello, o mais precioso dia da nossa vida é, sem duvida, aquelle em que Elle nos chama pela primeira vez ao grande festim e nos reúne no sacro banquete. Os anjos, parecem que nos rodeam a esse momento solemne com o seu cortejo invisivel, e os seraphins se dispõem a celebrar a nossa ventura em concertos abrazados de amor... Esse delicioso alimento, que faz brotar em nosso coração castas virtudes, esse alimento que se encontra sempre novo na Eternidade, enche nos de alegria não sabida do mundo!

«Ninguém impeça esses meninos de virem a mim, diz Elle; deixem-nos approximar... E' a elles que o reino dos Ceus pertence; é a elles que eu hoje me dou sem reserva, afim de lhes guiar a inexperiencia e fortificar sua fraqueza; é a elles que eu quero ser estreitamente unido, para que sejam transmittidos em fôcos de luz. Deixem-nos vir a mim.» E para logo abre-lhes seus braços e seu seio patêrnal. São fracos? Eu serei a sua força. São pobresinhos? Eu serei o seu thesouro. São orphãos? Eu serei seu pae. Persegue o mundo a sua innocencia? Eu a porei a coberto sob o escudo do meu amor. Eu combatarei, e vós repousareis; eu vencerei, e vós triumphareis; eu vos inundarei os corações de uma sobrepujança de paz ineffavel, e as vossas almas saborearão na intimidade do seu Bem-amado as delicias de um divino repouso.

«Vinde a mim, meus meninos, continua Elle, quero fazer de vós outros tantos infantes do meu reino; quero marcar-vos com o selo da minha ternura, para que todos que vos virem, possam dizer: «Eis alli os preferidos, eis alli os privilegiados de Nosso Senhor Jesus Christo».

Quererá alguém maiores e mais evidentes provas do amor de Jesus pelos homens?

A.

O TEMPO

Um *gendarme* agarra-me pelo braço com uma força rude, brutal, irresistivel e diz-me:

—Caminha,

Certamente, não ha outra coisa a fazer.

—Ao menos, exclamo eu, diz-me onde me conduzes.

—Caminha, mesmo sem saberes onde te conduzo.

—Não vejo. Allumia um pouco os meus passos.

—Nada de luz! Quer veja, quer não veja, quer saiba, quer não saiba para onde te levo, que importa! E' preciso caminhar, caminhar sempre.

—O quê! Pois nem poderei parar um instante para olhar para traz, para contemplar os campos, os jardins floridos que atravesso, para retemporar as forças n'alguma casa amiga?

—Não! Nem um instante de demora, nem um só. E' preciso que caminhes de noite e de dia, doente ou são, até que cáias sem forças. E quando tiveres cahido para não mais te levatares, então

nunca mais me tornarás a ver, nunca mais.

—Mas, rude *gendarme*, diz-me o teu nome?

—O meu nome? Bem o sabes. Pronuncias-te lo mil vezes sem lhe ligares importancia, desquidado, desbrizador por vezes.—O meu nome é—o *Tempo*.

P. Leconteur.

SONETO

Para se enamorar do que creou
Te fez Deus, Sacra Phenix, Virgem Pura;
Vede que tal seria esta feitura
Que para si o seu Feitor guardou.

No seu alto conceito te formou
Primeiro que a primeira creatura,
Para que unica fosse a compostura
Que de tão longo tempo se estudou.

Não sei se digo eu tudo quanto basta
Para exprimir as raras qualidades
Que quiz crear em ti quem tu criaste.

E's filha, Mãe e Esposa; e se alcançaste,
Uma só, tres tão altas dignidades,
Foi porque a Tres de Um Só tanto agradaste.

L. de Camões.

CONVERSANDO...

«Cara alegre,, e o Cura

«Cara alegre» era um parochiano da Aldeia de X..., a quem os seus conterraneos haviam posto aquella alcunha, por causa do seu genio folgazão. «Cara alegre» era casado e pae de dois filhos, um de 3 annos e outro de 7. O homem tinha bom fundo, mas os preconceitos mantinham-no arredado da Igreja, e sempre que o bondoso cura da freguezia abordava este assumpto, «Cara alegre» esquivava-se por meio de facecias.

N'aquelle dia, acabavam de encontrar-se ambos no largo da Igreja, e o padre mais uma vez voltou á carga.

—Então, amigo, interpellou o Cura, quando é que te resolves a dar o bom exemplo?

—Ora essa!—retorceu Cara alegre, quem tem alguma coisa que me dizer? Não sou um trabalhador honrado? Não trato com carinho da mulher e dos filhos? Devo alguma coisa a alguém? Isto que aqui está, é, sr. Cura, modestia á parte, a nata da freguezia.

—Pois eu não te chamo mau, voltou pacientemente o Cura, mas não te faças desentendido. E' exactamente por seres um trabalhador honrado e tudo o mais que dizes, que se torna mais reparado não cumprires os teus deveres religiosos. Aos domingos ninguem te vê na missa, e a respeito de desobriga, onde vae isso...

—Tá! tá! sr. Cura, escusa de quebrar a cabeça, que perde o seu tempo commigo. Isso de ir ou não ir á missa não me faz mais rico nem mais pobre, não me aquece nem me afrefece, como o outro que diz. E' melhor o sr. Cura não se ralar commigo e deixar-me seguir cá a minha religião, e assim escusa de se apouquentar, porque as vidas estão curtas.

—Obrigado, amigo Cara alegre, pelo interesse que tomas com a minha pessoa. Mas, está dito por agora, e passamos a outro assumpto. Ora, diz-me, como vão os teus garotos?

—Estão bem, obrigado, sr. Cura. Isto é, o mais velho, vae-me saindo traquinas de mais. Já responde á mãe, já desobedece ao pae, e a modos que faz assim pouco caso das reprehensões que lhe dou. Não estou nada satisfeito.

—Mas, meu caro amigo, atalhou o Cura com um fino sorriso, para que has de apouquentar-te? Não te rales. Deixa lá o garoto, que as vidas estão curtas e o melhor é não te apouquentares.

—Oh! sr. Cura! Essa não parece a tua. Só se eu fosse um pae sem coração é que deixaria perder o rapaz, sem tentar todo o possibile para o metter no bom caminho.

—Bravo, meu rapaz! exclamou o Cura. Deixa-me apertar-te a mão, pois agora vejo que te rendeste ás minhas razões.

—Eu!

—Tu, sim. Pois então, se tu reconheces que serias um pae sem coração, se não empregares todos os meios para metter teu filho no bom caminho, o que seria eu, meu filho, que tenho a meu cargo metter no caminho de ceu tantas almas que d'elle andam afastadas? Ir á missa não nos faz mais ricos nem mais pobres, dizias tu. Como te enganas! A grande riqueza adquire-se pelo cumprimento dos nossos deveres para com Deus. A Igreja, meu amigo, ensina aos filhos a respeitarem seus paes, a obedecer-lhes, a não lhes causarem desgostos. Se tivesses ensinado ao teu garoto os principios da moral christã, eston em que elle não seria um pequenino rebelde.

—Talvez tenha razão!

—Oh! se tenho! Mas não basta ensinar, é preciso dar o bom exemplo, porque se o teu garoto te visse frequentar a Igreja e comprehendesse que estavas sempre disposto a evitar desgostos aos teus superiores, mais depressa elle aprenderia a lição do catecismo.

—Oh! sr. Cura, voltou Cara alegre confuso, mas a verdade é que eu não quero desgosta-lo.

—Entendido, meu filho. E' por isso mesmo que eu insisto contigo para que não deixes de ir á missa e de cumprires a desobriga. O Padre é o pae espirital dos seus parochianos e se não se exforcasse por ganha-los para Nosso Senhor, mesmo em risco de se tornar inoportuno, seria como tu disseste um pae sem coração. Não te admires, pois, se eu continuo...

—Não é preciso, sr. Cura. Agora comprehendo que tenho sido um mau christão. Um estouvado, um fracalhão, pois era mais por respeito humanos que eu me esquivava. Mas d'orãvante, conte commigo e que Deus me perdôe as faltas passadas.

Doviam ser arrastados aos tribunaes aquelles paes, que mandam os filhos ás escolas em cujas portas está escripto: «Aqui não se ensina religião».

Victor Hugo.

Resignação com a Vontade de Deus

Se temos amor a Deus e queremos n'esta mundo lograr a paz do Paraíso, temos de fazer na terra a vontade de Deus como a fazem no Ceu os bem-aventurados.

O amor de Deus é a forma mais elevada e mais perfeita da virtude: a submissão á vontade de Deus.

Os que são fieis no amor de Deus, osa o sábio, sujeitam-se de boa vontade ao seu imperio: *fidele in dilectione, quiescent illi*. Dir-se-hia que não bem se não pensar em Deus, amar a Deus, falar e trabalhar por Deus como a Catharina de Gonoys, que, no ar de seu amor, exclamava:

Eu quero tudo que Deus quer. Não desejo querer, poder, fazer senão a que for só do seu agrado. Nem mesmo quereria pensar n'outra coisa: e se uma parte do meu coração pousasse contradizer por um instante os seus designios na mais mínima coisa, queria ser immediatamente reduzida a pó e atirada ao vento. (Vit. c. 28).

Eis ahí o typo perfeito, o ideal que as almas piedosas devem copiar em si.

ROCHA DO CALVARIO

Diz o Evangelho que, quando Jesus espirou, a terra tremeu e os rochedos partiram.

E, para que não pudessemos duvidar, lá se encontra ainda hoje partido o rochedo do Calvario.

E' deveras extraordinario o modo como elle está quebrado, pois, ao contrario do que devia succeder naturalmente, as fendas, em vez de seguirem a parte mais fraca, isto é, a direcção das veias, seguem a direcção transversal.

Eis o quo d'esta maravilha diz Addison (*De la Religion chrétienne, t. I*): «Tenho por certo que é effeito de um milagre, que nem a arte nem a natureza podiam produzir. Dou graças a Deus por me ter trazido aqui para contemplar este monumento do seu poder maravilhoso, este testemunho lapidar da verdade de Jesus Christo».

A' LAREIRA...

Um mestre de musica estava a ensaiar uma banda. Depois de algumas lições, porém, os jovens musicos zangaram-se com o mestre e resolveram continuar a tocar sem elle.

Tocaram, mas não houve meio de acertarem a afinação da peça. Consultaram entre si sobre o que haviam de fazer para conseguir a afinação.

Uns diziam que se deviam concertar os instrumentos, outros reclamavam mais assalios, outros faziam novas propostas. Final, levantou-se um e disse:

—Senhores! desculpem a franqueza, mas o unico meio de endireitar isto, é pedir ao mestre que reassuma a direcção da banda, porque sem elle não arsanamos nada.

Com os dirigentes da nossa Republica se cousa idêntica.

Expulsaram Deus do governo e que-rem dirigir sem Elle o país. E' claro que não pode haver afinação: fazem-se ouvir as notas dissonantes de conspiratas e mais conspiratas, bombas e mais bombas e outras dissonancias sem conta.

Agora tratam de concertar os desarranjos; é estado de sitio, prisões e mais prisões—mas a desafinação continua e não ha meio que valha!

Oh! quando surgirá o homem que se faça ouvir dos grandes e dos pequenos e que lhes diga:

—Senhores! isto não indireita, emquanto não se chamar Deus!?

Sem a fé em Deus, os empregados prevaricam, os deputados não trabalham, os juizes cochicham, os politicos conspiram e os pobres cidadãos gemem e... pagam o pate.

Disse um velho carangueijeiro ao filho carangueijinho:

—Porque não andas direito, que assim torces o caminho?

—E o papá porque anda assim? (Diz o filho muito bem). Caminhe o papá direito que eu direito irei tambem.

Dos filhos os paes se queixam, Sem lhes dar educação! Não lhes neguem bom exemplo, Melhores elles serão!

Sulpicio Severo.

O pobresinho Lazaro

Foi levado pelos Anjos, logo após a morte, ao logar dos bem-aventurados, por que, durante a vida, soffreu com grande paciencia as maiores privações. E assim, d'elle disse o Santo Abrahão que gosava depois da morte, já que na vida tanto tinha penado, ao passo que o Rico Avarento penava depois da morte, já que na vida tanto tinha gosado.

Eis uma sentença que sempre deviamos conservar bem viva na nossa memoria, pois nos daria coragem para arrostar com os males da vida e para não aspirar ás falsas aventuras d'este mundo.

Eu invoco a Deus, em que felizmente creio e que os insensatos e ignorantes negam, mas no qual o homem esclarecido encontra a sua consolação e esperanza. Tenho defendido convictamente a religião catholica, que interessa no maior grau ao prestigio da França e á liberdade verdadeira de toda a sociedade, a qual, sem o catholicismo, desabarã n'am cahos medonho.

Thieres.

Notas ligeiras

Até onde chega o descaramento! A mão negra mais uma vez viu gorados os seus intentos, no crime que premeditou contra Sua Ex.^a o Sr. Dr. Sidonio Paes.

Lá foi mais um desgraçado que atirou para as masmorras do carcere. Para ella só existe o cre ou morres ou

d'outra forma ainda, coube-te por sorte, tens que matar, se não és morto.

Coitado do que se acolhe á sua sombra!

Dizem que ao desgraçado que tentara contra o Sr. Dr. Sidonio Paes, lhe encontraram um bilhete de identidade, onde se lia pertencer ao Gremio da Mocidade Republicana.

Naturalmente, esta gremio é alguma associação onde se ensina a matar o proximo.

Bom escola!... Esta e outras é que deviam ser banidas da sociedade a ferro e a fogo.

Safa, da que S. Ex.^a escapou! Não se lembraram elles de mandar vir pelo correio, lá do outro mundo, o phantasma do Buiça!...

Graças a Marte, o deus mythologico da guerra, que se dignou fazer as pazes connosco, já nos vão mandando algum assucar, arroz, petroleo, etc...

Pouco; não ha duvida; mas, pelo menos, já está á venda no mercado, e, d'aqui por alguns tempos, não nos incommodaremos mais com senhas.

Isso é que era uma bella ideia!

Havia muitos portugueses, tanto soldados como officiaes, que, antes de partirem para a guerra, zombavam de Deus, da religião, dos padres e de tudo que lhes cheirava a Egreja.

Não admira, pois os seus espiritos foram sempre renitentes a quaesquer conselhos.

Lá, porém, como viram fumos no ar, relampagos e trovões, lembraram-se de Santa Bárbara, e então reconheceram que o mais seguro, á cautella, seria pedir a protecção d'aquelles que na patria desprezavam e de que falavam irrisoriamente.

Que muitos d'elles, depois de passarem duras provações, mandaram cartas e cartinhas, cheias de arrependimento, exaltando a religião e seus ministros por quem algumas vezes eram curados physica e moralmente.

Que ainda os mesmos vêem decididos a proclamar, bem alto e em bom som, os serviços e sacrificios feitos pelos ministros da religião catholica, que voluntariamente se offereceram para levar o socorro espirital aos que d'elle carecem.

A magonaria tem sido incansavel nos seus esforços contra a Egreja; mas tudo baldado, porque porta inferi non prevalebunt adversus eam.

Quando julgava que esta guerra era um meio poderoso para derrotar o Papado, eis que ella propria; mais uma vez, foi derrotada; pois Sua Santidade Bento XV falou aos belligerantes, sendo ouvido e attendido.

A França, a Inglaterra, a Italia e mais nações, têm sido suas verdadeiras escravas; mas ellas, para quem a guerra foi uma dura provação a que a Providencia as expoz, mexem-se e reconhecem que é preciso afastar com o pé o reptil nojento que ha tantos annos as tem trazido envolvidas e enroscadas.

A neutralidade na escola

Não pode ser! Os que a admittem, nunca foram theologos nem philosophos. Theologos, deviam ler o Evangelho, que nos diz: *O que não é por mim, é contra mim*. Philosophos, deveriam estudar o coração humano, e lá aprenderiam que um homem em frente de um ser que lhe é caro, jámais deixou de o amar. Entremes, amigos da neutralidade, n'uma casa qualquer: levantai a vossa mão impiedosa para os retratos de familia que alli estão á veneração de todos, e dizei-nos se porventura lhes encontrastes os labios mudos, os semblantes impassíveis, *neutros*. A neutralidade é uma monstruosidade moral.

Deus é nosso Pae, Christo nosso Deus, o Crucifixo a sua imagem. Não, nunca ficaremos perante Elle *neutros*.

Os protestantes podem salvar-se?

Se nasceram de paes protestantes, que os educaram no protestantismo, e elles praticam toda a sua religião, *levados de firme crença* do que ella é a verdadeira, podem salvar-se.

Mas já não diremos o mesmo a respeito dos que, nascidos de paes catholicos e educados na religião catholica, mais tarde lhe voltaram as costas e se fizeram protestantes.

Estes, se lhes vieram quaesquer dúvidas sobre a verdade da religião catholica, deviam consultar pessoas instruidas e tementes a Deus. Se o tivessem feito a *serio*, não permitiria Deus que se tornassem herejes.

Em quem acreditam os espiritas?

E' por certo muito para lamentar que homens aliás instruidos em sciencias humanas, talvez medicos, bachareis e até desembargadores, se vão fiar n'um demontado, como foi Allan-Kardec, despresando a doutrina catholica, que tem sido acreditada por talentos da envergadura d'um Thomaz d'Aquino, Pedro Lombardo, Scotto, Bernardo de Claraval, Descartes, Malebranche, Bossuet, Fenelon, Bourdaloue, Pascal, Huet, Lope de Vega, Calderon, Toledo, Soto, Suarez, Vieira, Colombo, Gama, Francisco de Macodo, Camões, Massilon, Tertuliano, Agostinho, Justino, Cypriano, Dante, Petrarca e outros muitos de todas as edades e de todas as nações.

A verdadeira educação assenta sobre a moral, e a moral funda-se em Deus...

E' necessario que o patrão leve a ideia de Deus á officina, que o mestre repita muitas vezes este nome na escola, que o enfermo encontre a sua imagem no hospital, o cidadão no fóro e no pretório e o soldado na caserna.

No campo de batalha este nome lhe fará arrostar com a morte.

Primeiro que tudo, a educação, e, na educação, primeiro o louvor de Deus.

Julio Simon.



Caixinha magica

(CONTO)

Elvirá era uma senhora ainda muito nova, diligente, zelosa, trabalhadora e intelligente, mas perdia muito tempo em casa a falar com os criados, reprehendendo-os constantemente, censurando a sua preguiça, as portas abertas, os animaes na horta, etc.

No fim do mez, o saldo era sempre negativo: gastava mais do que ella ganhava, vivendo sempre angustiada com o governo da casa.

Foi ella um dia visitar um velhote muito conceituado e prudente, e, no decurso da conversa, pediu ao tio Miguel o favor de lhe suggerir uma ideia para melhor se governar, pois não poupava real.

O bom tio Miguel, sem nada dizer, sae da sala e volta com uma caixinha fechada.

—Toma, diz, esta caixinha: e, quer faça bom ou mau tempo, quer tenhas pouca ou muita gente em casa, lava-a tres vezes de dia e tres de noite, durante um anno, do quarto á despensa, d'esta á cosinha e d'esta aos quintaes.

Elvira seguiu á risca os conselhos do tio Miguel. No primeiro dia viu que uma creada lhe furtava café na despensa; que a consinheira comia melhor do que ella; que os portões estavam abertos, o cão solto e o burrinho sem palha.

Despediu os criados todos e começou nova vida.

No fim de cada mez as visitas vão-lhe augmentando o peso da bolsa.

—E' a caixinha magica do tio Miguel, dizia ella, toda satisfeita e cheia de saude.

Decorrido o anno, foi ella ter com o velhote, levando-lhe em presente um soberbo peru, juntamente com a caixinha, pedindo-lhe a deixasse conservar em seu poder mais um anno.

O velho agradeceu o presente como premio do bom conselho; e sorrindo, respondeu á Elvira: A caixinha em si nada é, minha filha: serviu sómente de pretexto para *visitares muitas vezes todos os cantos da tua casa e vêres tudo o que n'ella fazem os teus criados*. Continua com as visitas e verás crescer a tua prosperidade.

A. M.

E' forçoso reconhecer que a pouca religião do filho do povo, desde que aprende a lêr, não serve muitas vezes senão para mais o expor. Essa sciencia desenvolve-lhe as necessidades, os desejos e as funções, mas não lhe fornece o meio de as satisfazer honestamente.

Convida-o e provoca-o a ler, mas o que lê de frequencia são obras immoraes, folhetins ignobis ou crimes que bestializam e envenenam. A verdade é que, abstraindo de toda a preocupação confessional—a *educação moral da infancia não pode facilmente dar resultados*, se não for fundada sobre a religião; ha-de ser sempre assim, emquanto se não souber encher o vacuo que a supressão da ideia religiosa carreen.

Henry Joly.

Respeitar é ser respeitado

Um cortezão de Luiz XIII, que tinha o defeito de falar fóra de proposito e com pouco respeito, teve que acompanhar o rei n'uma corta viagem ás provincias.

Veiu ter com o rei um bom homem para pedir-lhe um favor.

Infelizmente o seu porte externo não o recommendava, posto que as suas intenções fossem magnificas. Era pobre, não recebra a educação dos grandes cortes, não tinha a pratica de falar com gente da côrte. Disse, disse, até fazer-se impertuno.

O cortezão de Luiz XIII, perdendo uma optima occasião de estar calado, interrompeu a monotonia do pedido com estas palavras.

—*Quanto custam os burros na tua terra?*

O pobre defronta-se com o interlocutor, mira-o dos pés á cabeça e atira-lhe com esta:

—*Quando são do vosso pello e es tatura custam apenas dez escudos...*

Feliz do cortezão, se com a lição aprendeu que a regra mais elemental da caridade e da boa educação—*está em respeitar a todos e que ninguem é respeitado sem respeitar*.

ADIVINHA POPULAR

Já vistes em muitas gentes nascerem, como eu nasci, do ventre da mãe com dentes e comere-me contentes?

Mas eu a todos mordi.
Quem nasce assim d'esta sorte é signal de forte gente:
Assim nasci ou bem forte.
Mas não me viram até á morte mais que a cabeça sómente.

Decifração do numero anterior
Rato.

Calendario religioso da semana

Dezembro

Domingo, 15.—(3.º do Advento) Santo Eusebio, M.

Segunda-feira, 16.—Santa Albinha, V. M.

Terça-feira, 17.—S. Lazaro, resuscitado.

Lua cheia ás 7 horas e 48 m. da tarde.

Quarta-feira, 18.—Expectação de Nossa Senhora. (*Temporas, abstinencia e jejum*).

(Quem tiver os indultos ou for pobre pôde comer carne e está dispensado do jejum).

Quinta-feira, 19.—Santa Fausta.

Sexta-feira, 20.—S. Domingos de Silos, Abade. (*Temporas, abstinencia e jejum*).

(Os pobres e os que têm os indultos, não pôdem comer carne, mas estão dispensados do jejum).

Sabbado, 21.—S. Thomé, Apostolo. (*Temporas, abstinencia e jejum da Vigilia do Natal*).

(Os pobres e os que têm os indultos são obrigados á abstinencia e ao jejum).